

UMA SÁTIRA MALICIOSA DE SÊNECA

Para R. H. Aubreton

Aos treze dias de outubro do ano de 54 d.C., morria o Imperador Cláudio, ou para usarmos as palavras sem piedade, com que Sêneca descreve o fato: **Animam ebulliit et ex eo desiiit vivere videri**. Morte inopinada e cercada de circunstâncias misteriosas. Se bem que nos escapem vários pormenores das suas horas derradeiras, ao menos temos certeza de uma coisa: Cláudio caiu vítima de uma intriga tramada por Agripa, sua quarta espôsa; tôdas as fontes — fora de Sêneca —, que chegaram até nós, são unânimes em reconhecer neste transe mortal a mão criminosa da Imperatriz¹.

Agripina, não menos depravada do que ambiciosa, queria a todo custo que seu filho Nero, fruto de um casamento anterior e, àquela altura, com quase dezessete anos de idade, um dia viesse a ser Imperador dos Romanos. Desde 49, ano em que se casou com Cláudio, tudo experimentara para alcançar o seu fim. Confiara a educação do menino a Sêneca, um dos representantes mais brilhantes das letras latinas da época e por ela revocado de Córsega, onde vivia em exílio². Já em 50 conseguira que Nero fôsse adotado e admitido na família dos Césares, embora Cláudio tivesse um filho de Messalina, geralmente denominado "Britânico", cujas perspectivas de

(1) Cf. Tácito, *Annales*, XII 66-69; Suetônio, *Vita Claudii*, 43-45; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 34. 1-3; Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, XX 8, 1-2.

(2) Tácito, *Annales*, XII 8: *At Agrippina, ne malis tantum facinoribus notesceret, veniam exilii pro Annaeo Seneca, simul praeturam impetrat, laetum in publicum rata ob claritudinem studiorum eius, utque Domitii (= Neronis) pueritia tali magistro adolesceret et consiliis eiusdem ad spem dominarionis uterentur, quia Seneca fidus in Agrippinam memoria beneficii et infensus Claudio dolore iniuriae credebatur.* — Cf. Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 32. 3; Suetônio, *Vita Neronis*, 7, 2-3; 52, 1.

poder suceder ao pai foram rapidamente diminuindo³. Até mesmo chegara a desfazer bruscamente os esponsais de Otávia, filho de Cláudio e Messalina, com o jovem aristocrata Silano⁴, a fim de que Nero pudesse casar com a princesa imperial, — matrimônio que se realizou em 53. É muito provável que Cláudio, no fim da sua vida, mostrasse certos sinais de arrependimento pelos imprudentes atos que cometera, começando a perceber para onde haviam de levá-lo as manufações da sua mulher; sabemos que êle, numa tentativa tardia de se subtrair à influência nefasta de Agripina, deu algumas mostras de simpatia a Britânico que, devido à atuação subreptícia da sua madrastra, estava na iminência de ficar totalmente eliminado⁵. Recendo que Cláudio chegasse a desmanchar-lhe os objetivos, Agripina resolveu libertar-se do marido, cuja presença se lhe tornava cada vez mais molesta e odiosa. Envenenou-o com boletos, um prato predileto do Imperador guloso⁶. Está visto que êsse crime não a impediu de dar um entêrro aparatoso ao defunto e de honrá-lo com uma ἀπὸ θῆωσις⁷. Agora ela tinha conseguido o que desejava durante muito tempo: quem sucedeu a Cláudio foi seu filho Nero, e não o enteado Britânico.

Cláudio é, entre os Imperadores Romanos, uma figura singular e estranha, para não usarmos qualificativos mais fortes. Já em criança, sofrera continuamente de várias doenças que, afetando-lhe o corpo e o espírito, pareciam incapacitá-lo para qualquer papel na vida política ou social⁸. Despre-

(3) Suetônio, *Vita Neronis*, 7, 2-4; Tácito, *Annales*, XII 26.

(4) Tácito, *Annales*, XII 3-4; Zonaras, *Chronica*, II (pág. 185 da *Ediitio Princeps*, Basiléa, 1557).

(5) Suetônio, *Vita Claudii*, 43, 1: *Sub exitu vitae signa quaedam, nec obscura, paenitentis de matrimonio Agrippinae deque Neronis adoptione dederat*, etc.; cf. Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 34, 1; Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, XX 8,2.

(6) Destarte os boletos ficaram indevidamente com péssima reputação, cf. Plínio, *Nat. Hist.*, XXII 92, e Juvenal, *Satira*, V 146-148.

(7) Quanto à cerimônia da «apoteose», cf. Herodiano, *Ab Excessu Divi Marci*, IV 2 — Prescindindo de Rômulo (cf. Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, I 16), o primeiro Romano a ser endeusado oficialmente depois da sua morte foi Júlio César (cf. Suetônio, *Vita Divi Julii*, 88,1); depois, a «apoteose» tornou-se ato quase protocolar com os Imperadores defuntos e, alguns casos, com outras pessoas da casa imperial; o costume permaneceu em vigor até o século III.

(8) Suetônio, *Vita Claudii*, 2, 3; cf. 31.

zado por seus parentes, inclusive por sua própria mãe⁹, era deixado entregue as mulheres e escravos interesseiros, que não lhe tinham carinho algum e tentavam explorá-lo ou dominá-lo sem escrúpulos¹⁰. Uma vez adulto preferia a companhia daquela gente a relações com pessoas da sua categoria¹¹. Viviam afastado o mais possível da corte, onde quase todos tinham um prazer sádico em humilhá-lo e vexá-lo¹². Durante o reinado de Calígula, julgava prudente fazer-se de tolo, esperando assim poder esquivar-se às suspeitas do seu sobrinho megalômano¹³. Este último traço já denota certa astúcia, apartando-o de um simples idiota. Aliás sabemos que êle muito se interessava por certas questões históricas e filológicas, chegando a escrever diversos livros que, fora alguns fragmentos insignificantes, se perderam para a posteridade¹⁴. Pelo pouco que dêles sabemos, temos motivos para acreditar que eram obras mais de um original de que um verdadeiro ou profundo sábio: com certa teimosia que lhe era particular, nelas tratava com paixão de questões minúsculas e abstrusas e, sendo o caso, aproveitava-se delas para um desabafo íntimo perante os seus leitores.

Este homem — gago, coxo e mal capaz de se manter em pé¹⁵ — não tinha aspirações políticas e estava completamente resignado a uma vida na obscuridade. Mas em 41 d.C., para sua grande surprêsa, viu-se de repente aclamado Imperador pelas tropas pretorianas¹⁶. Poderia parecer um golpe do destino: um tolo na púrpura dos Césares! Com efeito, aos olhos dos seus coevos, menos versados do que os modernos

(9) Suetônio, *ibidem*, 3,3: *Mater Antonia portentum eum hominis dictitabat neo absolutum a natura, sed tantum inchoatum; ac si quem socordiae argueret, stultiorem aiebat filio suo Claudio, etc.*

(10) Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX2, 4-5; Suetônio, *Vita Claudii*, 2, 4.

(11) Suetônio, *Vita Claudii*, 5, 2.

(12) Suetônio, *ibidem*, 8;23,6; cf. *Vita Neronis*, 6,3.

(13) Suetônio, *Vita Claudii*, 38,5-6; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LIX, 23,5.

(14) Suetônio, *Vita Claudii*, 3, 1-2; cf. 41-42 (onde se encontra uma lista das suas obras); Tácito, *Annales*, XI 13-14. Possuímos ainda uns oito fragmentos destas obras (cf. H. Peter, *Hist. Rom. Fragmenta*, Lipsiae, 1883). — Cf. também os dois romanos (em forma autobiográfica) do autor inglês Robert Graves: *I, Claudius* e *Claudius The God*.

(15) Suetônio, *Vita Claudii*, 30, 1-2; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 2.1.

(16) Suetônio, *Vita Claudii*, 10; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 1, 1-4.

em diagnosticar casos específicos de anormalidade mental, Cláudio passava por *stultus* ou ἀνοήτοϛ, palavra que se presta às mais variadas interpretações moderna: “tolo, imbecil, irresponsável”, mas também: “simplório, pessoa ridícula e estúpida”. Não tardou que os Romanos verificassem que a *stultitia* do nôvo Imperador não lhes merecia apenas um sorriso de desdém, mas apresentava aspectos sumamente perigosos. O reinado de Cláudio assinala-se por uma série de crimes e de medidas mal pensadas. O Imperador além de ser caprichoso e desigual, era irascível e colérico, sensual e mulhereço, cruel e, sobretudo, medroso e covarde¹⁷. Devido à sua covardia quase mórbida, era fácil de intimidar, fácil de influenciar, e fácil de dominar. Dessa fraqueza abusavam mulheres e libertos para ludibriá-lo. Esta é a triste verdade sobejamente abonada por um sem-número de documentos antigos, cuja veracidade é impossível pôr em dúvida. Mas não podemos esquecer o reverso da medalha: sob o seu reinado houve também várias emprêsas fecundas e iniciativas louváveis. Mencionamos aqui somente a conquista da Bretanha, a crescente prosperidade de diversas províncias, a outorga da cidadania romana a milhares de provincianos, os melhoramentos na administração da justiça. Há indícios inconfundíveis de que Cláudio se esforçou por ser um bom administrador; possivelmente tivesse as melhores intenções do mundo. Mas infelizmente, elas vinham a cada passo contrariadas por sinais de um desequilíbrio mental e de uma incoerência desconcertante. Mas isso fazia com que seu govêrno fôsse olhado com desconfiança e suspeita. Também os modernos ficam atrapalhados ao formularem um juízo acêrca de Cláudio. Visto que não o podemos conceber separado da sua côrte corrupta, — é tão fácil desculpá-lo de tôda a responsabilidade pelos numerosos crimes que se deram sob o seu reinado, como negar-lhe todo o mérito em relação aos incontestáveis benefícios que seu período de govêrno trouxe ao Império.

Seja isso como fôr, o certo é que Cláudio tinha muitos

(17) Suetônio, *Vita Claudii*, 15, 1; 32, 5; 26 (sua incoerência); 38,2 (seu temperamento irascível); 33, 1-2; 32, 5; 26 (sua sensualidade e falta de alto-domínio); 34, 1-4; cf. Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 13, 1-5 (sua crueldade); Tácito, *Annales*, XI 38; Suetônio, *Vita Claudii*, 39 (sua falta de sensibilidade; *ibidem*, 35 1-3; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 14, 1-2 (sua covardia e desconfiança).

inimigos. Um deles era Sêneca que, em 41 d.C., fôra exilado pelo Imperador, sob a acusação de manter relações ilícitas com uma das princesas. Não sabemos ao certo se a incriminação tinha fundamento ou não; o que sabemos é que êle não tolerou seu destêrro com a resignação conveniente a um filósofo estóico¹⁸. Graças à proteção de Agripina, veio a ocupar um lugar de destaque na côrte, como educador de Nero. Apesar disso, continuava a nutrir fortes rancores contra o Imperador. Quando êste faleceu, fêz troça dêle juntamente com Agripina e Nero, escarnecendo-lhe a memória numa sátira virulenta, a chamada **Apokolokyntosis**¹⁹.

Vinte códices, alguns dos quais remontam aos séculos X e XI, conservaram o texto desta sátira²⁰. Todos êles apresentam a mesma lacuna, no meio²¹. O título do opúsculo, em quase todos os manuscritos reza: **Ludus Senecae de morte Claudii Neronis**, ou coisa semelhante; no códice sangalense (do século X ou XI, o melhor manuscrito de que dispomos), a sátira tem por título: **Divi Caldii ΑΠΟΘΕΩΣΙΣ Annaei Senecae per saturam**, título em que encontramos, embora ligeiramente mutilada, a palavra "apoteose". O único a transmitir-nos o título Ἀποκολοκύντωσις é o autor grego Cássio Dião, que diz na sua História Romana (LX 35,2): συνέθηκε μὲν γὰρ καὶ ὁ Σενέκας σύγγραμμα ἀποκολοκύντωσιν αὐτῷ ὡσπερ τινὰ ἀποθανάτωσιν 22 ὀνομάσας. O título ἀποκολοκύντωσις, um ἄπαξ εἰρημένον, e não encontrado em manuscrito algum, deu origem a muita discussão, porquanto na sátira, tal como chegou até nós, não se encontra alusão alguma a palavra ἡ κολοκύντη (= "a abóbora). O termo ἀποκολοκύντωσις, indubitavelmente formado por analogia com a palavra ἀποθέωσις deve significar "transformação em

(18) Na Córsega, Sêneca escreveu, entre outras obras, a *Consolatio ad Polybium* (Polybio era um valido do Imperador), opúsculo repugnante por causa da adulação grosseira a que se avilta.

(19) Cf. Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 35,2.

(20) Cf. Ulrich Knoche — *Die römische Satire*, Göttingen, 1957, p. 67.

(21) Entre os capítulos VII e VIII.

(22) Esta palavra, não abonada por outras fontes, deve ser sinônima de ἀποθέωσις

abóbora", digamos: "aboborização" (*sit venia verbo!*). Mas também de tal transformação não descobrimos o menor vestígio na sátira.

Várias hipóteses têm sido emitidas para resolver este problema. Segundo alguns, a abóbora deve ter figurado no trecho que se perdeu. Parece uma solução muito fácil, mas que na realidade nos coloca diante de um problema não menos intrincado: nos capítulos que se seguem à referida lacuna, Cláudio continua, como dantes, a ter a forma humana. Estará mutilada por acaso a parte final? Cumpre reconhecermos que esta não tem o brilho dos capítulos que lhe precedem: entretanto, opõe-se a tal hipótese a tradição manuscrita que põe termo ao nosso opúsculo mediante a substrição usual **explicit**, sem o acréscimo **cetera desunt**. Outros, mais radicais, acreditam que Sêneca, além do seu **Ludus**, que pela maior parte se conservou, teria composto outra sátira, agora perdida e intitulada **Apokolokyntosis**. É uma hipótese gratuita: custa-nos crer que Sêneca teria escrito duas sátiras sobre o mesmo assunto. Uma solução mais drástica consiste em negar a autoria do nosso opúsculo a Sêneca e atribuí-la a outra pessoa, por exemplo a Petrônio, autor bem conhecido das **Saturae**, célebre romance de costumes na época de Nero. Esta solução parece-nos difícil de aceitar pelo fato de todos os códices atribuírem o nosso opúsculo a Sêneca.

Muito mais provável é que a palavra **Apokolokyntosis** seja o subtítulo grego da obra, o qual, na tradição manuscrita, por ser termo de difícil compreensão, ficou sendo eliminado, vindo a ser substituído por palavras mais bem conhecidas, tais como **ludus** e ἀποθέωσις; sabemos que também Varrão, o introdutor da **satira menippea** na literatura latina, costumava servir-se de subtítulos gregos. Neste caso, a palavra ἀποκολοκύντωσις poderia ser um gracejo de per si, sem estabelecer uma relação rigorosa com o conteúdo da sátira, um gracejo cheio de conotações insinuatoras, tôdas elas ignominiosas para Cláudio. A palavra grega κολοκύντη bem como **cucurbita** em latim, serve muitas vezes para indicar um imbecil, um parvo, uma pessoa fácil de lograr²³.

(23) Sobretudo, serve para indicar o marido enganado pela mulher (cf., em português: "corno" e "cornear", etc.). Cláudio foi escandalosamente "cornado" por Messalina (cf. Tácito, *Annales*, XI 26-38; Suetônio, *Vita Claudii*, 26, 4-5) fato a que a sátira de Sêneca alude: *Quid in cubiculo suo faciant nascit* (Apok., VIII 3).

Cláudio foi tal “abóbora” durante a vida, e depois da sua morte aguardava-o destino igual: continuou sendo o ludíbrio do seu ambiente. O professor italiano A. Rostagni²⁴ partindo desta idéia, acredita que o termo ἀποκολοκύντωσις deve ser entendido na acepção da “burla, lôgro”; segundo êle, Cláudio, indo ao céu para receber uma “apoteose” o que levou foi uma “apokolokyntose”, isto é, foi logrado nas suas esperanças.

Quem lançou nova luz sôbre o problema foi o professor holandês H. Wagenvoort²⁵. Segundo êle, a palavra ἀποκολοκύντωσις faz jôgo com ἀποραφανίδωσις, igualmente um ἀπαξ εἰρημένον²⁶. Encontramos uma forma do verbo ραφανιδώω em Aristófanês (*Nubes*, 1083), verbo explicado desta maneira no Léxico do chamado Suídas: ραφανιδωθηναί.... ἐπὶ τῶν ἀσελγῶν - οὕτω γὰρ τοὺς ἀπόντας μοιχοὺς ἠκίζοντό ραφανίδας λαμβάνοντες καθίεσαν εἰς τοὺς πρωκτοὺς τούτων²⁷.

A (apo-)rafanídisis era portanto um castigo físico aplicado aos adúlteros em Atenas, um castigo mediante rabanetes (gregos: raphanídes) a serem metidos na **pars posterior** do miserável apanhado; êste gênero de punição encontra-se, fora da literatura clássica²⁸, também em vários contos populares de diversos países; por êstes sabemos que o castigo era às vêzes agravado por serem empregados, não rabanetes, mas bolbos, nabos ou cenouras, etc. Partindo da existência dêsses dois graus de tortura, o professor Wagenvoort julga que o subtítulo “apokolokyntosis” alude a um castigo maior comparado com a “aporafanídisis”, que era um castigo menor. Adotando aquela palavra como mote da sua sátira, é como se Sêneca quisesse injuriar o Imperador defunto desta maneira:

(24) Augusto Rostagni, ed. de Seneca: *Apokolokyntosis (inaucatura del Divo Cláudio)*, Torino, 1944, p. 12.

(25) H. Wagenvoort in “Mnemosyne”, 1934, pp. 4-17.

(26) Encontra-se no Escoliasta de Aristófanês, *Plutus*, 168.

(27) Suidas, s.v. ῥαφανίς; cf. Luciano, *Peregrinus*, 9; *Anthol. Pal.*, IX 520; *Alciphron*, Ep. III 26,4.

“Tu puniste-nos com rabanetes ; agora nos vingamos de ti com abóboras. É bom vingar-se!” Hipótese que, à primeira vista, poderia parecer um tanto rebuscada, mas que adquire maior crédito, para quem estuda atentamente os paralelos, impossíveis de expor aqui.

Não queremos deter-nos por mais tempo na discussão das diversas hipóteses pelo subtítulo grego da sátira. Parece-nos preferível resumir-lhe o conteúdo ²⁹.

O autor começa por dizer que vai apresentar aos seus leitores um relatório do que aconteceu no céu naquele memorável dia 13 de outubro, data do falecimento de Cláudio. Suas fontes? Sêneca julga que não se deve ser muito exigente para um historiador ³⁰. Todavia, se os leitores insistirem em conhecer o informador, há de remetê-los a Lívio Gêmino, inspetor da Via Apia, que afirmara alguns anos atrás ter visto subindo ao céu a princesa Drusila ³¹; a homem tão perspicaz não é possível que tenha escapado o destino de Cláudio no além túmulo. Depois, parodiando certos poetas que se servem de paráfrases verbosas para indicar dia e hora dos fatos que vão descrevendo, faz-nos assistir à agonia de Cláudio: **animam agere coepit nec invenire exitum poterat** (Apok. I-II).

Até aqui os acontecimentos na terra, os quais não deixam de ter sua repercussão no céu. O deus Mercúrio, padroeiro do “facundo” Cláudio, chama Cloto, uma das Parcas, à parte, solicitando-lhe o favor de abreviar os sofrimentos do Imperador... e do Império. Ela, não sem alguma hesitação, acede-lhe ao pedido, e corta o fio da existência de Cláudio. Agora Láquesis, outra Parca, começa a fiar nova época

(29) A primeira edição crítica da sátira foi feita por Fr. Buecheler em 1863 (com comentário excelente); esta edição (sem comentário e com aparato crítico muito abreviado foi repetida na *editio minor* de Petrônio (6.ª ed. publicada em Berlim, 1922, por W. Heraeus); R. Waltz publicou a sátira na Coleção “Les Belles Lettres” (1.ª ed. de 1934; 2.ª ed. de 1961); H. Wagenvoort deu uma edição com tradução holandesa (Amsterdam, 1936); A. Rostagni (cf. nota 24), em 1944, com tradução italiana. A edição de W.H.D. Rouse (na coleção *The Loeb Classical Library*) é menos científica e dá um comentário muito elementar (9.ª ed. de 1956).

(30) Sêneca não era apreciador nem da história nem dos historiadores, cf. *Nat. Quaest.*, III *Praef.* 5; cf. também José van den Besselaar, *O Progressismo de Sêneca*, Publicação da FFCL de Assis, 1961, pp. 10-11.

(31) Cf. Cassio Dião, *Hist. Rom.*, LIX 11,4.

que está para se inaugurar no mundo: é o reinado de Nero, iniciador de um novo Século de Ouro. O próprio Apolo celebra-lhe os louvores em versos efusivos, exaltando a formosura e os talentos do jovem Imperador, o retrato perfeito de Apolo na terra. Entretanto, Cláudio tem os seus derradeiros momentos, despedindo-se dêste mundo num estilo que é bem próprio dêle: **ultima vox eius haec inter homines audita est, cum maiorem sonitum emisisset illa parte, qua facilius loquebatur: "Vae me, puto, concacavi me!"** Quoad an fecerit, nescio; omnia certe concacavit. (Apok. III-IV).

Logo depois da sua morte, Cláudio caminha bem disposto ao Olimpo, onde bate à porta do palácio celeste, balbuciando umas palavras ininteligíveis. O porteiro não o entende, e Júpiter manda o robusto Hércules ao vestibulo: talvez êste, homem viajado, consiga entender-se com o visitante esquisito. Mas também Hércules amedronta-se com o aspecto monstruoso do candidato ao endeusamento; será que êste vai ser seu décimo terceiro trabalho? Mediante uns versos homéricos, Cláudio tenta fazê-lo crer que é descendente dos troianos, mas a deusa **Febris**, companheira inseparável do Imperador maleitoso, interrompe-o rudemente, dizendo que Cláudio não passa de um vulgar gaulês ³², que nada fêz senão o que se pode esperar de um gaulês: apoderar-se de Roma. Aí Cláudio começa a protestar e a ameaçar, mas Hércules, agora cobrando ânimo, força-o a dizer a verdade. Então o defunto, não vendo outra saída, muda de tom e passa a implorar-lhe a intervenção para que seja admitido no céu: sempre lhe foi muito amigo, e agora é justo que dêle receba um serviço recíproco (Apok. V-VII).

Acaba Hércules por ceder, permitindo-lhe a entrada no palácio dos deuses, que devem decidir da questão. É esta uma hipótese, porque, devido ao fato de se encontrar aqui a lacuna nos manuscritos, não sabemos ao certo qual o rumo que tomou o diálogo entre Hércules e Cláudio. É provável, porém, que as negociações entre ambos leve a um resultado favorável para Cláudio, visto que no capítulo VIII, onde o texto reinicia, encontramos Cláudio na cúria celeste. Um dos olímpicos — não sabemos quem seja — pergunta a Hércules como se atreveu a entrar no recinto sagrado com aquêle desgraçado. Cláudio quer ser deus? Mas que tipo de deus? É

(32) Cláudio nascera em Lyon, na Gália, cf. Suetônio, *Vita Claudii*, 2,2.

personagem tão esdrúxula que é impossível achar uma classe de deuses que lhe corresponda. Que Cláudio se contente com o templo que já possui na Grã-Bretanha! (Apok. VIII).

Nesta altura, intervém Júpiter, o presidente da assembléia. Referindo-se ao regimento da casa, que proíbe discussões em presença de estranhos, manda fora da sala o pobre Cláudio. Restabelecida a ordem, começa a deliberação regulamentar — evidentemente, uma paródia às sessões do Senado Romano. Quem primeiro toma a palavra é Jano Bifronte: pôsto que lamente o costume recentemente introduzido de conceder as honrarias divinas a qualquer um, não quer negá-las a Cláudio, contanto que seja o último a candidatar-se. Depois desta sentença frouxa, ouvimos a opinião do velho Diéspiter³³: também êle vota a favor de Cláudio, o que não é de espantar, já que êste deus decrépito não é inferior ao Imperador em sovínice. São várias as sentenças dos diversos deuses, mas parece que a causa de Cláudio vai sair vencedora. Para tal resultado não pouco contribui o empenho de Hércules, que muito provávelmente foi subornado pelo defunto: **Hercules enim, qui videret ferrum suum in igne esse, modo huc modo illuc cursabat et aiebat: "Noli mihi invidere! Mea res agitur. Deinde tu si quid volueris, in vicem faciam: manus manum lavat"** (Apok. IX).

Então se levanta o Divo Augusto para dirigir uma veemente invectiva contra Cláudio: o govêrno dêste não foi apenas ignominioso para o Império, edificado com o suor de tantos heróis, mas foi igualmente calamitoso para a família imperial. Sem processo legal, Cláudio matou duas Júlias³⁴, seu futuro genro Lúcio Silano³⁵, sua espôsa Messalina³⁶ e inúmeras outras pessoas. **Placet mihi in eum severe animadverti nec illi rerum iudicandarum vacationem dari eumque quam primum exportari et caelo intra triginta dies excedere, Olympo**

(33) *Diespiter* (= "o pai da luz") é o antigo nome de *Jup(ter)iter*; quando os romanos já não percebiam a conexão entre os dois nomes, chegaram a ver em *Diespiter* um antigo deus indígena, filho de *Vica* (= *Victoria*) e *Pota* (= *Potestas*). Ao que parece seu nome é por Sêneca relacionado com *dives* (= rico); daí vir êle a ser chamado de *nummulariolus*, isto é, "sovina".

(34) Uma era a filha de Druso, a outra a de Germânico, cf. Suetônio, *Vita Claudii*, 29,2; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 18,4.

(35) Cf. Tácito, *Annales*, XII 3-4; 8; Suetônio, *Vita Claudii*, 29, 2 3.

(36) Cf. Tácito, *Annales*, XI 26-38; Suetônio, *Vita Claudii*, 26, 4-5; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 31, 3-5.

intra diem tertium. Logo depois, procede-se à votação: Cláudio é expulso do céu. Sem demora, Mercúrio, o ψυχοπομπός, prende o defunto e arrasta-o para o inferno (Apok. X-XI).

A caminho do inferno, os dois avistam, na **Via Sacra** de Roma, uma imensa multidão que, cheia de alegria, acompanha o cortejo fúnebre de Cláudio. Só então êste se compenetra de que morreu, e escuta com satisfação as nênias bradadas por seus amigos, os advogados³⁷. Gostaria de regalar-se por mais tempo com aquela homenagem póstuma, mas Mercúrio impaciente, força-o a prosseguir o caminho (Apok. XII).

Ao descerem pelo caminho em declive, já lhe vem ao encontro o liberto Narciso para cumprimentar seu patrono³⁸. Mercúrio ordena-lhe ir avisar com a maior presteza os habitantes do inferno de que Cláudio está chegando. Logo depois de entrar, o Imperador nota que uma grande turma está à sua espera, uma turma tôda composta de pessoas assassinas por êle. Na sua grande estupidez, não se contém e grita, variando uma palavra de Tales: “Só encontro aqui amigos!”³⁹ chegando a perguntar-lhes de que modo tinham chegado ali⁴⁰. Pedo Pompeu, uma das suas vítimas grita-lhe furioso: **Quid dicis, homo crudelissime? Quaeris, quomodo? Quis enim nos alius huc misit quam tu, omnium amicorum**

(37) Os advogados (*causidici*) eram defensores remunerados; de acôrdo com a lex Cincia (205 a. C.), revigorada por Augusto, êles não podiam receber honorários; Cláudio, preferindo-os aos *jurisconsulti*, atenuou as disposições desta lei, cf. Tácito, *Annales*, XI 7.

(38) Narciso era um lierto de Cláudio, por quem tinha muita dedicação; quando Agripina estava preparando a morte de Cláudio, mandou o liberto doentio (sofria de podagra) aos banhos em Campânia; logo depois de ter executado o crime, fê-lo matar (cf. Tácito, *Annales*, XII 66 XII 1; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 34,4); assim se compreendem as palavras maliciosas de Sêneca: *Antecesserat iam compendiaría Narcissus libertys ad patronum excipiendum, et venienti nitidus, ut erat a balineo, occurrit* (Apok. XIII 2).

(39) Cláudio diz textualmente: πάντα φίλων πλήρη variante de uma palavra atribuída a Tales (ou a Heráclito): θεῶν πλήρη πάντα.

(40) Cf. Suetônio, *Vita Claudii*, 39, 1: *Inter cetera in eo mirati sunt homines et oblivionena inconsideratiam, vel ut Graecis dicam, μετρωρίαν et ἐβλεψίαν* Depois, o autor dá alguns exemplos, dos quais citamos aqui: *Occisa Messalina, paulo postquam in triclinio decubuit cur domina non ventret, requisit. Multos ex vis, quos capite damnacrat, postero statim die et in consilium et ad aleae lusum admoneri iussit et, quasi morarentur, ut somniculosos per nuntium increpuit.*

interfecto? **In ius eamus! Ego tibi sellas ostendam.** (Apok. XIII).

Destarte Cláudio, também no inferno, é chamado para comparecer em juízo. No libelo consta que êle matou não menos de 35 senadores, 221 **equites Romani**, e das outras classes tantas pessoas como há areia sôbre a praia do mar ⁴¹. O juiz Éaco, sem ouvir o réu ⁴², profere a sentença condenatória. Depois há uma discussão acêrca do castigo que se lhe deve inflingir. Finalmente, Éaco condena-o a jogar os dados num copo cheio de buracos ⁴³. Já se pôs Cláudio a cumprir a sentença, quando de repente aparece Calígula, que o reivindica para si como escravo. O juiz faz-lhe a vontade, mas Calígula, percebendo logo que Cláudio é objeto sem valor para êle, cede-o ao seu liberto Menandro ⁴⁴ para lhe servir de auxiliar nos interrogatórios judiciais. (Apok. XIV-XV).

Êste magro resumo dá apenas uma idéia muito incompleta da malícia pungente que Sêneca, na sua **Apokolokyntosis**, revela em relação ao Imperador recém-falecido. É impossível, nas poucas páginas dêste artigo, acompanhar-lhe tôdas as alusões cheias de um sarcasmo mordaz e, geralmente, suscetíveis de uma documentação mediante outras fontes ⁴⁵.

Quanto à forma, o opúsculo é uma **satura Menippea**, isto é, um gênero literário inaugurado por Menipo de Gádara, escritor da escola cínica no século III a.C. ^{45-a}, suas obras, hoje

-
- (41) Os algarismos dados por Sêneca são praticamente iguais aos de Suetônio, *Vita Claudii*, 29,4.
- (42) Era êste o costume de Cláudio, segundo seus adversários, Cf. Suetônio, *Vita Claudii*, 29, 2; cf. 15,1.
- (43) Suetônio, *ibidem*, 33,5: *Aleam studiossime lusit; de cuius arte librum quoque emisit*; cf. 5,2.
- (44) Êste Menandro é para nós personagem desconhecida; alguns comentadores da sátira vêem nele o comediógrafo, que, numa das suas comédias teria descrito a tal "aporafanidosis"...
- (45) A edição de A. Rostagni registra numerosas referências; o autor do presente trabalho publicou, em 1961, uma edição da *Apokolokyntosis* ("Keizer Claudius. God en Mens", Zwolle), com 85 trechos tirados de diversos autores (sobretudo, Tácito, Suetônio, Cássio Dião) em documentação do conteúdo da sátira.
- (45a) Diógenes Laércio, *Vitae*, VI 8, dá uma breve vida dêste Menipo, na qual o acusa de ter sido avaro e usurário; segundo êle, Menipo teria sido apenas um "Cínico" nominal. Varão (Sat. Men., 516) Chama-lhe de *nobilis canis*.

completamente perdidas ⁴⁶, eram afamadas pela grande habilidade que mostravam ao tratar de coisas sérias num tom cômico: é o chamado *σπουδαιογέλοιον* em grego, ou **riden-tem dicere verum**, na célebre fórmula de Horácio; a **satura menippea** distingue-se da sátira comum, para a qual Quintiliano reivindica uma origem autênticamente latina ⁴⁷; pelo fato de nela se alternarem trechos escritos em prosa com diversas formas de poesia. Quem introduziu o gênero na literatura latina foi Varrão de cujas **saturae menippeae** nos restam uns 600 fragmentos, quase todos êles muito breves ⁴⁸. Foi dêste gênero que Sêneca se serviu na sua **Apokolokyntosis**; lemos nela seis pequenas poesias ⁴⁹.

A **Apokolokyntosis** é uma pequena obra-prima de arte satírica. Sêneca sabe tirar proveito de tôda e qualquer circunstância para ridicularizar sem piedade Cláudio: percebemos que não o despreza, mas também o odeia com um ódio implacável que não pára diante do tûmulo da sua vítima; após a leitura da sátira, custa-nos ver Cláudio com olhos diferentes dos com que aprovou a Sêneca vê-lo; graças à sua mestria acabada, parece-nos ser o retrato de Cláudio, por mais caricatural e parcial que seja, uma cópia fiel da realidade. Esta impressão é, em grande parte, devida à grande habilidade estilística do autor ⁵⁰. Sêneca emprega, neste opúsculo, um latim coloquial, despretencioso e pitoresco, condimentando sua sátira com provérbios e ditos populares ⁵¹, alusões cômicas à litera-

-
- (46) Podemos fazer uma idéia pelas obras de Luciano, que muito se aproveitou da *satura menippea* nos seus Diálogos; o Imperador Juliano escreveu uma *satura menippea*, que chegou aos nossos dias (*Caesares*). Quanto à forma, também o romance de Petrónio pertence a êste gênero.
- (47) Quintiliano, *Inst. Or.*, X 1, 93: *Satira quidem tota nostra est* (tendo em vista a sátira inaugurada por Lucilio), mas cf. *ibidem*, X 1, 95: *Alterum illud etiam prius genus sed non sola carminum varietate mixtum condidit Terentius Varro*.
- (48) Editados na edição de Petrónio (Euecheler-Heraeus, Berlim, 1922).
- (49) Quatro poesias escritas em versos hexâmetros (*Apok.* III; IV 1; II 4; XV 1); uma em senârics jâmbicos (*Apok.* VII 2); uma em anapestos (*Apok.* XII 3). Sêneca, sem ser poeta, é hábil versificador.
- (50) E' célebre o julgamento de Quintiliano a respeito do autor Sêneca, *Inst. Or.*, X 1, 128-131; cf. Tácito, *Annales*, XIII 3; Suetônio, *Vita Nerosis*, 52, 1.
- (51) Por exemplo, *manus manum lavat* (*Apok.* IX 6); *gallus in sterquilino suo purinum potest* (*Apok.* VII 3); *tam facile quam canis adsidit* (*Apok.* X 3), e vârics outros, alguns de interpretação duvidosa, p. e., *Romae mures molas lingunt* (*Apok.* VIII 3).

tura grega e latina ⁵² e fantasias burlescas. Ora vemo-lo parodiando e ironizando, ora zombando e escarnecendo, e sempre com uma fluência espantosa, que não tem nada de pedante. Tudo na sátira — inclusive nos trechos poéticos — concorre para tornar derrisória a figura do Imperador Cláudio.

Apesar dessas grandes qualidades artísticas, o opúsculo de Sêneca é pouco idôneo para nos inspirar entusiasmo pelo autor nos seus aspectos humanos. **Tant de haine, c'est trop.** Não podemos esquivar-nos à impressão de que sua sátira, antes de mais nada, é uma vingança pessoal. Quando vivia desterrado na ilha de Córsega, não recuou de bajular o Imperador com baixeza, na esperança de assim ficar reabilitado ⁵³. Embora não disponhamos de provas concludentes da sua cumplicidade na morte do Imperador, associou-se à causa de Nero e Agripina, prestando-lhe serviços importantes ⁵⁴ e divertindo-se, juntamente com êles, da vítima agora sem defesa ⁵⁵. Talvez acreditasse êle sinceramente que o reinado do seu aluno Nero, jovem dotado de muitos talentos, seria o início de um novo Século de Ouro (Apok. IV 1); talvez fôsse levado por tais esperanças a conspirar com Agripina contra Cláudio e Britânico; talvez tivesse outros motivos ainda, que nós sempre havemos de ignorar. Seja isso como fôr, sua associação com Agripina não nos impressiona bem. Se êle se atrelou à causa da Imperatriz para salvar o Império, deu prova de possuir pouca experiência do mundo: o moralista devia saber como era ambiciosa e pouco escrupulosa a pessoa a quem se ligava. Se êle o fêz, pensando que poderia exercer uma influência benéfica sôbre o seu ambiente corrupto, deu prova de atribuir demasiada importância às suas capacidades: era ou muito ingênuo ou muito pretensioso ^{55.a}.

(52) Sêneca cita nesta sátira Homero (quatro vêzes), Hesíodo, Eurípides, Epicuro, Enio (duas vêzes), Varrão, Catulo, Vergílio (duas vêzes) e Horácio.

(53) Sêneca, *Consolatio ad Polybium*, 31-32.

(54) Nero proferiu o necrológio oficial redigido por Sêneca (cf. Tácito, *Annales*, XIII 3); êste redigiu para o jovem também a mensagem com a qual se apresentou aos pretorianos e ao senado (cf. Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LXI 3,1).

(55) Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 35, 2-4; cf. Suetônio, *Vita Neronis*, 33, 1-2.

(55a) Sêneca devia saber que, ligando-se a êsses elementos, havia de acabar por estar de convivência com os crimes dêles. O que, de fato, aconteceu; mencionamos aqui apenas a carta, igualmente redigida por êle, em que Nero, depois da morte de sua mãe, a perseguiu com as piores incriminações (cf. Tácito, *Annales*, XIV 11). — Só alguns anos depois, Sêneca tentava afastar-se da côrte, mas era tarde (*ibidem*, XIV 53-56).

Na Apokolokyntosis não ocorre nenhuma referência à atuação nefasta de Agripina ou de Messalina⁵⁶. Omissão natural, porque o autor quer fazer recair a culpa de todos os crimes unicamente sobre Cláudio. Entretanto, tôdas as nossas fontes estão concordes em assinalar a influência que essas mulheres, juntamente com os libertos, tiveram no reinado do Imperador, sobretudo nos seus atos criminosos. Ausônio resume muito bem em que consiste a culpa do Imperador, nos seguintes versos:

**Claudius irrisae privato in tempore vitae,
in regno specimen prodidit ingenit;
libertina tamen nuptarum et crimina passus,
non faciendo nocens, sed patiendo fuit**⁵⁷

Sêneca, além de uma boa dose de bom senso, tinha um espírito preponderantemente prático; graças à sua energia formidável, adquirira uma cultura extensa, confirmada por quase tôdas as suas obras. Sinceramente enlevado pelos ideais do Pórtico, esforçou-se com seriedade por combinar a **sapientia** com a **humanitas**. Até o pessimista Tácito reconhece-lhe a **comitas honesta**⁵⁸; pelo mesmo autor somos informados também de que Sêneca soube morrer de acôrdo com os seus princípios⁵⁹. Sua morte foi digna de um estóico, mas outro tanto não se pode afirmar da sua vida, apesar de haver circunstâncias atenuantes, capazes de explicar e de, até certo ponto, justificar seu comportamento. O que nêle nos escandaliza é a divergência entre a doutrina e a vida, divergência essa que escandalizou também muitos dos seus contemporâneos⁶⁰.

(56) Messalina é duas vezes mencionada, mas apenas como vítima da crueldade de Cláudio (Apok. XI 5; XIII 5).

(57) Ausonius, *De Duodecim Caesaribus*, Iv 5. — Cf. Também o testemunho de Suetônio, *Vita Claudii*, 25,15: *Sed et haec et cetera totumque adeo ex parte magna principatum non tam suo quam uxorum libertorum que arbitrio administravit talis ubique plerumque, qualem esse eum expediret illis aut liberet*; cf. *ibidem*, 29-28, 1; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LX 2, 4-5. — O próprio Sêneca atribua a culpa de todos os crimes cometidos durante o reinado de Cláudio a Agripina, cf. Tácito, *Annales*, XIV 11: *temporum quoque Claudianorum obliqua insectatione cuncta eius dominationis flagitia in matrem transtulit*.

(58) Tácito, *Annales*, XIII 2.

(59) Tácito, *Annales*, XV 60-65.

(60) Cf. Tácito, *Annales*, XIII 42; Cássio Dião, *Hist. Rom.*, LXI 10, 1-3; LXIII 2,1.

De certo modo, Sêneca parece-nos o oposto de Sócrates. Este não se cansava de inculcar aos seus concidadãos uma ética pouco complicada, mas profunda e radicalmente “vivi-da”: sua personalidade era tão fascinante que quase chegou a eclipsar-lhe a doutrina. Sêneca, apoiado numa longa tradição de reflexão sobre a moral, esforçava-se por elaborar um sistema racionalista e bem equilibrado de ética, mas não tinha a força para integrá-lo harmônicamente na sua vida: quem, após a leitura das suas obras, passa a conhecer o homem Sêneca, leva quase inevitavelmente uma decepção. Ambicioso, irascível, vingativo, amigo de conforto e riqueza, apesar das suas invectivas contra as paixões e os bens da fortuna; vaidosamente consciente dos seus talentos, mas, ao mesmo tempo, da sua origem não-sanatorial e provinciana ⁶¹ sempre em luta com seu complexo de inferioridade; rigoroso na sua doutrina, mas, na realidade, sempre disposto a transigir e a apaziguar a consciência com evasivas; — Sêneca era um poço de contradições. Era fácil acusá-lo de pose ou, pior ainda, de oportunismo. O próprio Sêneca tinha consciência dessas antinomias, que para êle devem ter sido dolorosas ⁶². Não era um egoísta vulgar nem um histrião sem sentimento de honra, mas uma figura dramática e, por isso mesmo, muito humana. Tinha a alma sumamente sensível a tudo quanto é nobre e generoso, sentindo-se atraído pelos mais altos ideais; ao mesmo tempo, era muito fraco e sumamente ardiloso em inventar desculpas arguciosas, deixando-se cegar por motivos interesseiros. Esta profunda antinomia dá a muitos dos seus ensaios moralistas e sobretudo às suas **Epistulae Morales** uma comoção verdadeiramente dramática.

(61) Cf. Tácito, *Annales*, XIV 53: *Egone, equestri et provinciali loco ortus, proceribus civitatis adnumeror?*

(62) Em numerosos passos das suas obras, Sêneca afirma estar longe da sabedoria perfeita; mencionamos aqui apenas *De Vita Beata*, XVII 3-4; cf. Também Tácito, *Annales*, XIV 53-54.